

FICHA TÉCNICA

Título original: *I Have Lost My Way*

Autora: *Gayle Forman*

Copyright © 2018 by Gayle Forman

Edição publicada por acordo com Dystel, Goderich & Bourret LLC e International Editors'Co.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Marta Mendonça*

Revisão: *Maria do Carmo Bobone/Editorial Presença*

Imagem da capa © *Elisabeth Ansley/Trevillion Images*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

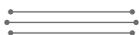
Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, novembro, 2018

Depósito legal n.º 447 038/18

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à
EDITORIAL PRESENÇA
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena
info@presenca.pt
www.presenca.pt

1



PERDI O MEU RUMO

Perdi o meu rumo.

Freya fita as palavras que acaba de escrever no telemóvel.

Perdi o meu rumo. De onde é que *isso* surgiu?

— Desculpe, menina — diz o motorista do táxi. — Acho que me perdi. — E Freya desperta para o momento atual. Está sentada no banco de trás de um carro cidadão, a caminho da sua sétima (ou será oitava?) consulta médica nas últimas duas semanas e o motorista está virado no sentido contrário, fora do túnel.

Ela procura no seu calendário.

— Esquina da Park com a Seventieth — diz ao motorista. — Vire à direita na Third, depois à esquerda na Seventy-First.

Volta a sua atenção para o ecrã do telemóvel. *Perdi o meu rumo*. Treze caracteres. Mas as palavras possuem esse inegável tom de verdade, à semelhança do Dó central. À semelhança de algumas das suas publicações nos últimos dias. Nessa manhã, alguém do escritório de Hayden publicara uma fotografia sua com um microfone na mão e a sorrir. A legenda dizia: *#nasceuparacantar* e *#thankfulthursday*¹. Na verdade deveria dizer: *#tbt*², porque

¹ *Thankful Thursday*, literalmente Quinta-feira de Gratidão. Movimento *online* em que se faz referência a algo pelo qual se está agradecido. (NT)

² *Throw Back Thursday* (Quinta-feira de Recordações), movimento *online* em que se publicam fotografias antigas. (NT)

a imagem não só tem várias semanas, como também mostra uma pessoa que já não existe.

Perdi o meu rumo.

O que é que aconteceria se publicasse isso? O que diriam eles se soubessem?

Só quando o seu telemóvel emite um som sibilante é que Freya se apercebe de que acabou de o publicar. As respostas começam a surgir, mas antes de ela ter hipótese de as ler, recebe uma mensagem da mãe: Park Avenue, nº 720, com a localização no Google Maps. Porque, como é óbvio, a mãe está a monitorizar o seu *feed* com a mesma atenção que Freya. E, como é óbvio, não percebeu. Seja como for, Freya não se perdeu. Perdeu foi a sua voz.

Apaga a publicação, na esperança de que nenhum *print screen* tenha sido feito ou partilhado, mas sabe que nada do que se publica na Internet desaparece de facto. Ao contrário do que acontece na vida real.

Quando o táxi chega, a mãe está à espera dela, de um lado para o outro. Na mão, segura os exames realizados pelo médico anterior, os quais teve de ir a correr buscar à cidade.

— Ótimo, ótimo, já chegaste — diz, abrindo a porta antes de o motorista estacionar e puxando Freya para o passeio antes de esta ter hipótese de dar a gorjeta de 10 dólares que segura na mão. — Já tratei da papelada. — Ela di-lo como se o tivesse feito para poupar tempo, mas a verdade é que preenche a papelada de todas as consultas médicas de Freya.

São conduzidas para lá da receção e entram na sala de examinação. É o tipo de serviço que uma consulta de 1 500 dólares, sem seguro (obrigada, Hayden), garante.

— Ora então o que é que se passa? — pergunta o médico, enquanto lava as mãos. Não olha para Freya. Não deve fazer a mínima ideia de quem ela é. Tem ar de já ter alguma idade, como um avô, apesar de ter fama de já ter tratado celebridades das que só precisam de um nome como, de há umas semanas para cá, toda a gente pensava que Freya se iria tornar.

Ela lamenta não ter lido algumas respostas antes de ter apagado o *tweet*. Talvez alguém lhe dissesse o que fazer. Talvez alguém lhe dissesse que o facto de ela não conseguir cantar não era importante. Que continuariam a adorá-la.

Mas ela sabe que isso é tudo treta. O amor é condicional. Tudo é.

— Ela perdeu a voz — explica a mãe. — Temporariamente.

Freya escuta a familiar e entediante cronologia — «terceira semana de gravações no estúdio», «estava tudo a correr lindamente» e blá-blá-blá —, ao mesmo tempo que a frase *Perdi o meu rumo* não lhe sai da cabeça, qual canção em modo de repetição, fazendo lembrar quando ela e Sabrina costumavam pôr a mesma canção em *loop* até a terem dissecado por completo, descoberto todos os seus segredos e a terem tornado sua. Aquilo deixava a mãe delas completamente louca, até ter descoberto a utilidade disso.

O médico apalpa-lhe o pescoço, espreita-lhe a garganta, examina-lhe os seios nasais. Freya interroga-se sobre como reagiria se ela escarrasse. Se a olharia como se ela fosse uma pessoa e não uma máquina que se avariou. Se a *ouviria*, com ou sem voz para cantar.

— Pode cantar em Dó maior? — pede-lhe o médico.

Freya canta em Dó maior.

— Ela consegue acertar as notas individuais — sento a mãe. — E tem um tom perfeito. O Hayden diz que nunca ouviu um tom como o dela.

— Não me diga... — responde-lhe o médico, sentindo as suas cordas vocais no pescoço. — Vamos lá ouvir uma canção. Uma coisa simples, como os «Parabéns a Você».

«Parabéns a Você». Mas quem é que não consegue cantar os «Parabéns a Você»? Uma pessoa que não saiba cantar consegue cantar os «Parabéns a Você». Para mostrar a sua opinião em relação ao pedido dele, Freya começa a cantar, mas com uma forte pronúncia francesa.

— *Parrabéns* a você... — entoa ela. A mãe franze o sobrolho e Freya acentua ainda mais a pronúncia: — *Parrabéns a vous*...

Todavia, a sua voz é mais inteligente do que ela pensa. Recusa que palhaçadas e pronúncias péssimas lhe levem a melhor. Assim que a canção dá o salto na oitava, do Sol 4 para o Sol 5, ela atrapalha-se. O pânico invade-a. A sua respiração parece chumbo.

— Muitas felici... — E é então que acontece. A passagem de ar fecha-se. A canção é estrangulada a meio da respiração. Uma melodia nada-morta.

— Parabéns a mim — conclui ela, com uma inexpressividade sarcástica e atonal, fazendo um gesto de degolação sobre a garganta, para o caso de a mensagem não ter passado.

— Será uma paralisia? Ouvimos dizer que aconteceu algo semelhante à — a mãe dela baixa a voz — *Adele*.

Freya apercebe-se do tom de esperança na voz da sua mãe. Não porque ela deseje uma paralisia das cordas vocais, mas porque quer estabelecer uma associação entre Freya e Adele. Há uns anos, leu o livro *O Caminho da Vida* e interiorizou-o por completo. «Sonha-o, sê-o» é o seu lema.

— Vou mandá-la fazer uns exames — diz o médico, revertendo ao já familiar jargão. — Uma TAC, uma biopsia, uma eletromiografia laríngea e talvez um raio-X. — Ele pega num cartão, estende-lho e lança um olhar a Freya que não tem nada de hipocrático. — E talvez seja melhor pensar em falar com alguém.

— Já o fizemos, mas a lobotomia não resultou.

— Freya! — ralha a mãe. Em seguida, dirige-se ao médico: — Nós já estamos a ser acompanhadas por uma terapeuta.

Nós. Como se elas fossem lá juntas. Como se ambas estivessem a tomar os pequenos comprimidos que deveriam acalmar a ansiedade que aparentemente está a inibir a voz de Freya.

— Isto aconteceu *de repente*. Literalmente de um dia para o outro. Se isto fosse — e aqui a voz da mãe dela baixou para um sussurro — psicológico, não aconteceria de um momento para o outro, pois não?

O médico emitiu uns ruídos evasivos.

— Vamos marcar a consulta de acompanhamento para daqui a duas semanas.

Duas semanas é demasiado tempo. Hayden deixou-o bem claro. Teve de pedir favores para conseguir a consulta com este médico famoso, curador de prodígios de um nome só como Adele, Lorde e Beyoncé. Pagou os 1500 dólares da consulta porque este tipo, jurou Hayden, é um milagreiro — insinuando que o que Freya precisa não é de cuidados médicos excessivamente caros, mas de um milagre.

Lá fora, o carro e o motorista de Hayden estão à espera, apesar de ela não ter chegado no carro dele. O motorista abre a porta e faz uma pequena vénia.

— O Senhor Booth pediu-me para a levar ao escritório.

Freya tem passado grande parte dos últimos dois anos no escritório de Hayden, mas esse pedido fá-la sentir-se pouco à vontade. A sua mãe, que ao fim de todo este tempo ainda se comporta como se o Hayden fosse o imperador e ela fosse a plebeia, parece alarmada. Perscruta freneticamente as suas SMS.

— O mais certo é querer saber como é que correu a consulta.

Hayden Booth não manda chamar ninguém sem um motivo e esse motivo jamais seria somente para obter informação. Freya está certa de que ele recebeu um telefonema do médico assim que a porta se fechou atrás delas. Ou, quem sabe, talvez tivesse uma câmara escondida a filmar a consulta.

Se uma árvore cair na floresta e ninguém ouvir, ela faz barulho? Se ela não for ao escritório de Hayden, ele não a poderá despedir. E se ele não a despedir, a carreira dela não acabou. E se a carreira dela não acabar, as pessoas continuarão a adorá-la.

Certo?

— Estou cansada — diz à mãe, com um aceno fatigado. — Vai tu.

— Ele mandou chamar as duas. — Ela olha para o motorista.

— Ele mandou chamar as duas?

O motorista não faz a mais pequena ideia. Por que razão haveria de saber?

— Estou exausta de tanta porcaria de consultas médicas — diz Freya, revertendo àquilo que a mãe apelida de «modo diva». O modo diva confunde a mãe dela porque por um lado *sonha-o*, *sê-o*, mas por outro é irritante como a merda.

Quando a mãe dela se aborrece, franze os lábios de uma maneira que a faz parecer Sabrina, ou então é Sabrina que se parece com ela. «Como se os genes se tivessem dividido», costumava brincar a ama antiga delas. Insinuando que Freya era parecida com o pai — a pele avermelhada, a testa alta, os olhos claramente etíopes; ao passo que Sabrina era mais parecida com a mãe: o cabelo encaracolado e não ondulado, a pele suficientemente branca para passar, se não por branca, então por porto-riquenha.

Mas depois a mãe reconsidera e a boca de ameixa desaparece.

— Sabes o que te digo? Talvez seja boa ideia. Eu falo com ele. Lembro-lhe que tens apenas dezanove anos. Que já chegaste muito longe. Que a coisa vai de vento em popa. Fazê-los esperar só vai

fazê-los querer-te mais. Apenas precisamos de um pouco mais de tempo. — Volta novamente a atenção para o telemóvel. — Vou chamar-te um Uber.

— Mãe. Eu sou perfeitamente capaz de regressar a casa.

A mãe dela continua a escrever no telemóvel. Freya já não pode andar sozinha de metro. A mãe mandou instalar um localizador no telemóvel de Freya. Toma todas as medidas apesar de, à semelhança da atitude de diva de Freya, também isso ser prematuro. Freya não é famosa. Encontra-se algures entre o interessante e a celebridade, de acordo com a escala de Hayden. Se for à discoteca, ou ao tipo de bar ou café frequentado por atores/modelos/cantores em ascensão, é reconhecida; se participar num evento num centro comercial (o que já não faz; nada de marcas, dizem os agentes publicitários), é rodeada. Mas no metro, no meio das pessoas normais, não é ninguém. Mas para a mãe, todos os seus atos devem ser ambiciosos.

— Vou só caminhar um pouco — diz Freya à mãe. — Talvez atravesse o parque, para desanuviar a cabeça, e depois vá ver a montra do Barneys.

Ela sabe que a mãe jamais recusará o poder curativo do Barneys. Embora Freya ainda se sinta ligeiramente desconfortável em sítios como esse. Costuma ser seguida e nunca tem a certeza se é por ser meio famosa ou meio negra.

— Vê se encontras uma coisinha bonita — diz-lhe a mãe. — Para distraíres a cabeça.

— Há mais alguma coisa agendada? — pergunta Freya, mais por uma questão de hábito, pois há sempre alguma coisa e a mãe tem tudo memorizado. O silêncio constrangedor da mãe é penoso. Porque a resposta é *nada*. Não há nada agendado porque este período de tempo estava destinado ao trabalho de estúdio. Neste momento, ela deveria estar a terminar as gravações. Para a semana, Hayden vai passar uma semana a uma ilha privada qualquer e depois regressa ao estúdio com Lulia, a cantora com a falha entre os dentes da frente que ele descobriu a cantar no metro de Berlim, e que tornou tão famosa que o rosto dela aparece a sorrir num cartaz em Times Square.

«Podias ser tu ali», dissera-lhe Hayden uma vez.

Agora já não.

— Nada — responde-lhe a mãe.

— Então vemo-nos no apartamento.

— Bem, hoje é quinta-feira.

Às quintas-feiras a mãe dela e Sabrina costumam ir jantar fora. Por norma esse facto nunca é mencionado. Freya nunca é convidada. Obviamente.

— Posso desmarcar, se precisares de mim — diz-lhe a mãe.

O ressentimento é terrível. Ela quase lhe sente o sabor. Interroga-se se terá capacidade para derreter o esmalte dos seus dentes recentemente branqueados.

É também embaraçoso. Por que razão haveria de estar ressentida por causa da irmã? Sabrina que, como diz a sua mãe, *sacrificou tanta coisa*. Sussurra essa última parte da mesma maneira que sussurra *pausa* quando se refere ao que se passa com Freya. «Estás só a fazer uma *pausa*.»

(*Pausa* é código para *autoimolação*.)

— É melhor ires andando — diz Freya à mãe, antes que o ressentimento lhe derreta as entranhas, deixando apenas um saco de pele vazio. — O Hayden está à espera.

A mãe olha de relance para o SUV e para o motorista.

— Ligo-te assim que souber alguma coisa. — Ela entra no carro. — Vai desanuviar a cabeça. Tira o dia só para ti. Não penses em nada disto. Sabe-se lá, até pode ser exatamente o que precisas. Aposto que se não pensares mais no assunto o resto do dia, irás sentir-te melhor. Vai às compras. Vai para casa e vê vários episódios seguidos de *Scandal*.

Sim, isso é exatamente o que Freya precisa. E talvez um copo de leite quente. E uma segunda lobotomia.

Espera que a mãe se afaste no carro antes de começar a andar, não na direção sul, para o Barneys, mas para oeste, para o parque. Pega no telemóvel e verifica a sua conta no Instagram. Há outra fotografia dela, parada à porta do estúdio na Segunda Avenida, debaixo de uma cerejeira em flor. A legenda diz: *#musica #flores #vida #coisasbonitas*, e os comentários estão cheios de coisas simpáticas que deveriam fazê-la sentir-se melhor. *Não há nada mais lindo do que tu*. E **PRECISAMOS DE UM VÍDEO NOVO!** E *Segue-me também, SFF!!!*

Um carro buzina e alguém a puxa com força para o passeio, ao mesmo tempo que diz, num tom sarcástico:

— Presta atenção.

Freya não agradece, em vez disso entra no parque, onde não há trânsito e ela poderá ler os comentários à vontade.

Abre a sua página no YouTube. Seguindo as instruções de Hayden, não publica nada há meses. Ele queria que os fãs ficassem «ávidos» por material novo, para que quando o álbum fosse publicado, juntamente com vídeos novos, tudo fosse devorado. Freya receava que se esquecessem dela, mas Hayden dissera-lhe que havia outras maneiras de se manter visível e contratara uma agente publicitária cujo trabalho era publicar uma série de furos jornalísticos anónimos sobre ela.

Freya sobe uma colina e atravessa uma pequena ponte. Um grupo de ciclistas passa por ela a toda a velocidade, irrompendo pelo ar com os seus apitos estridentes, como se fossem donos do parque. Ela abre o Facebook. Digita *Sabrina Kebede*. Apesar de só fazer isso uma vez por mês, Freya sabe que não vai encontrar nada. A página de Facebook da irmã está parada há dois anos, com talvez duas ou três publicações e quase sempre identificações feitas por terceiros.

E, no entanto, lá está, uma publicação recente, com poucas semanas. Uma fotografia publicada por alguém chamado Alex Takashida, de um homem, provavelmente o próprio Alex Takashida, segurando uma mão delicada que exhibe um pequeno anel de safira. A legenda diz: *Ela disse que sim!*

Não obstante a cara cortada, Freya reconhece a mão.

Ela disse que sim! Freya demora uns segundos a compreender o que isso significa. A irmã está noiva. Do Alex Takashida. Alguém de quem Freya nunca ouviu falar, quanto mais conhecer.

Freya clica na página de Alex e constata que as publicações de Alex Takashida são públicas, e que Sabrina, apesar de não identificada, aparece em quase todas. Lá está Sabrina a fazer um brinde com Alex, num restaurante. Sabrina e Alex na praia. Sabrina sorridente, entre Alex e a mãe delas. Sabrina em nada se assemelhando a uma pessoa que *sacrificou tanta coisa*, mas a alguém feliz.

As imagens provocam náuseas a Freya. Como forma de consolo, abre a aplicação que regista o que a mãe dela agora apelida de «os seus compromissos». Já nem sequer precisa de ver os comentários

para se sentir melhor. Basta-lhe saber que estão lá. Que os *gostos* e os *seguir* estão a crescer. O aumento desses números é reconfortante. A ocasional diminuição provoca-lhe um aperto no estômago.

Hoje os números estão a aumentar. As publicações com ela no estúdio resultam sempre. As pessoas estão entusiasmadas com o seu álbum. Ela interroga-se sobre o que acontecerá quando os meses forem passando e não aparecer álbum nenhum.

Só ela sabe. Na sua primeira reunião com Hayden, ele dissera-lhe exatamente o que iria acontecer.

Ela abre os comentários à publicação artificial dessa manhã.

Adoro as flores. Mal posso esperar pelo álbum. ♥♥★🎸🎵🎧

Atualiza a página para ver se mais alguma coisa deu entrada, mas não, e embora saiba que isso apenas a irá fazer sentir-se pior, volta para a fotografia da mão de Sabrina. Os ciclistas tornam a passar, apitando as buzinas horrorosas para ela, gritando-lhe para que tenha cuidado, mas Freya não consegue tirar os olhos da irmã e de toda aquela felicidade. Não consegue libertar-se da sensação nauseante de que fez tudo mal.

Perdi o meu rumo, torna a pensar, e compreende o quão verdade isso é. Outro ciclista passa por ela a apitar e Freya, ainda a olhar para a imagem do anel de safira da irmã, dá um salto para trás e tropeça, e de repente não está só perdida como também a cair, a cair da ponte e em cima de um desgraçado qualquer lá em baixo.

* * *

Ao mesmo tempo que Freya está a falar com mais um médico que não a pode ajudar, Harun está a tentar rezar.

Enquanto os homens vão entrando na mesquita, assumindo as suas posições em cima dos tapetes em redor de Harun e do seu pai, ele tenta transmitir as suas intenções a Deus. Mas por muito que tente, não é capaz. Já não faz ideia de quais são as suas intenções.

Ele lhe apontará uma saída, dissera-lhe o primo numa mensagem. Mas qual será a saída para Harun?

Perdi o meu rumo, pensa Harun, ao mesmo tempo que a oração começa.

— Allahu Akbar — ouve o pai entoar ao seu lado.